



**Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:**

**Resumo**

**Relato de Caso**

## **O ERRO COMO APRENDIZAGEM**

**AUTOR PRINCIPAL:** Gustavo de Oliveira Rosa

**CO-AUTORES:** Débora Sernajotto, Marília Hassan, Nilomar Zanotto Júnior

**ORIENTADOR:** Luiz Henrique Ferraz Pereira

**UNIVERSIDADE:** UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho compõe-se de um relato de experiência a partir de uma ação desenvolvida no Pibid, subprojeto Matemática, em uma turma do 9º ano de uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio de Passo Fundo (RS). Durante o desenvolvimento de uma atividade complementar e de raciocínio lógico, os bolsistas estimularam a autoconfiança nos alunos perante a uma disciplina considerada muitas vezes pelos alunos como “bicho de sete cabeças”.

Os bolsistas tiveram essa iniciativa de estimular a autoconfiança, pois na matemática o erro pode ser um auxílio à aprendizagem, pois talvez o raciocínio do aluno tenha uma lógica. Assim, uma das formas de fazer isso, foi através do incentivo aos alunos irem ao quadro fazer a correção e se tivesse algum problema ou erro, outro colega poderia apontar e explicar o erro.

Desse modo, os bolsistas fizeram os alunos tornarem agentes do próprio aprendizado. Ou melhor, não reprimiram os alunos a errarem, e sim, encorajaram-os a persistirem na aprendizagem.



## DESENVOLVIMENTO

O Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é um programa de incentivo aos cursos de formação de professores no Brasil, financiado pela Capes, que é uma agência de fomento à pesquisa brasileira. Cada área do conhecimento possui um coordenador geral, professores supervisores e acadêmicos bolsistas.

O Pibid/Matemática/UPF se estrutura em quatro eixos: primeiro eixo, a contextualização da educação básica e do ambiente escolar; segundo eixo, investigação das práticas de ensino-aprendizagem em sala de aula; terceiro, as ações/intervenções pedagógicas; quarto, integração, avaliação, sistematização e difusão do conhecimento gerado.

A ação se baseou na retomada de conteúdos. A professora titular notou que a maior dificuldade dos alunos era com a base necessária. Por isso, solicitou ao grupo que fizesse a intervenção nesse sentido.

A primeira atividade realizada pelos bolsistas foi a observação da aula da professora titular. Em que, puderam perceber as carências dos alunos com o conteúdo trabalhado. A disponibilização de alguns minutos aos acadêmicos, foi realizado um questionário para conhecimento da turma, e também uma conversa com os estudantes, buscando deixá-los à vontade para que pudessem realmente expor sua visão da matemática, quais suas dificuldades, em quais conteúdos.

A segunda parte foi a análise dos questionários e da conversa com os alunos. Depois de uma reflexão do grupo, chegou-se à conclusão de que deveria trabalhar com equações do primeiro grau em primeiro momento, em seguida para equações do segundo grau e finalizando com equações biquadradas. Relembrando conceitos esquecidos a partir de exemplos selecionados pelos acadêmicos, buscando suprir todas as dificuldades matemáticas, como operações fracionárias.

No início os alunos se recusaram a resolver as questões no quadro. Contudo, quando a primeira aluna se prontificou a isso, os colegas se sentiram encorajados. Isso mostra que os alunos tinham interesse na aula e vontade de participar, só se sentiam envergonhados. O medo de errar perante a turma os impedia de se expor. Quando se sentiram à vontade, competiam para resolver cada questão.

A terceira parte foi promover uma aula diferente da “tradicional” aos alunos, esta atividade teve como partida uma análise dos bolsistas de o quê e para quê fazer tal ação, proporcionando algo que funcionasse como um despertador matemático. Disto surgiu a pauta de trabalho: raciocínio lógico.

A atividade foi aplicada em sala de aula com os alunos do 9º ano, estes foram divididos em quatro grupos de cinco estudantes, que competiam entre si, tornando a atividade mais dinâmica. Após, distribuída a lista de exercícios de raciocínio lógico, os alunos resolviam as questões primeiramente no grupo com os integrantes e logo após o grupo que solucionasse primeiro a questão, deveria explicar como encontrou a resposta para os outros grupos. Com isto ficava claro qual o raciocínio lógico envolvido no pensamento do estudante ao resolver os exercícios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que essa ação foi válida, tanto aos alunos quanto aos acadêmicos bolsistas. Pois, percebemos que o aluno deve se sentir agente da sala de aula, do ensino-aprendizagem e de seu próprio saber. E, principalmente, não coibir o aluno, insinuando que ele esteja errado. Primeiro, entender seu raciocínio e levá-lo ao verdadeiro critério, através de questionamentos, fazendo-o pensar e repensar.

## **REFERÊNCIAS**

CURY, Helena Noronha. *A avaliação e análise de erros em Educação Matemática*. In: II Jornada Nacional de Educação Matemática e XV Jornada Regional de Educação Matemática, 2008, Passo Fundo. Anais. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.